

Etnomatemática Puruborá: Uma Jornada Pelos Saberes Ancestrais

Luiz Antonio dos Santos Magalhães

Seringueiras, Rondônia, Brasil

iasdsfg@gmail.com

Mestrando em Educação Matemática – PPGEM

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Saímos da escola às 7h da manhã, o ônibus carregado com a expectativa de 36 alunos do ensino médio e a minha, como professor, rumo à Aldeia Aperoi. A estrada cedia lugar a um caminho diferente, e a primeira coisa que nos recebeu não foi um portão de cimento ou uma placa metálica, mas um portal vivo, tecido com folhas de coqueiro, um convite orgânico e belo de boas-vindas.

Logo depois, um banner com a imagem de Emília Puruborá nos fitava. Ali estava a face de uma das mais importantes anciãs, uma figura de resistência na Amazônia, já falecida, mas cuja presença parecia ainda pulsar naquele lugar. Era mais do que uma foto; era um anúncio silencioso de que estávamos entrando em um espaço de memória, de sabedoria e de continuidade.

O evento se desenrolava inteiramente sob a copa generosa das árvores, um teto natural que já impunha um ritmo próprio, diferente do concreto da escola. Uma mesa farta, repleta de frutas frescas e bolos esperava por nós, um convite imediato à partilha. O ambiente estava decorado com arcos e flechas, e cocares exuberantes feitos com penas de arara, objetos que não eram meros adornos, mas símbolos de um saber fazer ancestral. E ao fundo, o que chamava a atenção era uma espécie de churrasqueira gigante, de uns cinco metros, onde peixes enrolados em folhas de bananeira e pedaços de porco do mato já assavam lentamente, prometendo o almoço e anunciando, pelos aromas, a forte conexão daquele povo com a natureza e seus rituais.

Havia, no ar e nos rostos dos meus alunos e no meu, uma mistura palpável de surpresa e admiração. Tudo era novo, vibrante. A curiosidade nos movia, e logo os olhos começaram a captar detalhes fascinantes: as pinturas corporais, os objetos espalhados, as

ornamentações, figuras geométricas que se repetiam. Não era apenas arte ou artesanato bonito; se tratava de algo maior, um etnoconhecimento que, de alguma forma, anunciava a etnomatemática.

Durante essa visita, fomos agraciados com a apresentação da rica história do povo Puruborá. E foi ali, ao falarem sobre suas pinturas, que a percepção começou a se aprofundar. Descobrimos que cada povo indígena possui padrões únicos, e que, entre os Puruborá, as pinturas diferem não só entre homens e mulheres, mas também conforme o evento – há desenhos específicos para festas, outros para a guerra. Não eram apenas figuras estéticas; eram linguagens visuais, códigos culturais complexos, cheios de significado. E foi nessas formas, nesses padrões aplicados nos corpos, nas cuias cuidadosamente entalhadas, nas tramas das redes, que a percepção se consolidou: havia ali uma lógica, um sistema, um conhecimento implícito que, anunciava uma outra matemática, viva e profundamente ligada à identidade e às práticas desse povo.

E foi ali, seguindo a apresentação, que a conexão da etnomatemática com a vida se manifestou de forma ainda mais explícita. Mostraram-nos fotografias dos anciãos e a importância crucial da caça e da pesca para a alimentação tradicional. Foi nesse contexto que apresentaram o Arco e Flecha Tradicional. Com quase dois metros de tamanho, imponente, não era apenas uma arma de caça, mas um objeto carregado de precisão. As penas nas pontas das flechas, descobrimos, estavam ali não por simples estética, mas para auxiliar no percurso aerodinâmico, um detalhe que revelava um profundo conhecimento empírico das leis físicas e do movimento.

O ponto alto foi quando alguns alunos foram convidados a testar suas habilidades. Ali, num espaço preparado com segurança pela comunidade, a dez metros de um alvo de papelão, eles puderam sentir o peso do arco, a tensão da corda. De repente, a matemática abstrata da sala de aula ganhava corpo. Admirados, puderam experimentar na prática a relação entre os ângulos na abertura do arco, o cálculo instintivo da distância e a estimativa do percurso da flecha, e a força necessária para puxar, mirar e, finalmente, atirar. Naquele momento, a geometria, a física e o cálculo não estavam nos livros, mas nas mãos, nos olhos

e no corpo dos alunos, guiados pela sabedoria ancestral Puruborá. Era um anúncio potente, uma luz sobre como os saberes matemáticos estão enraizados nas práticas culturais mais profundas.

Na sequência, a jornada de descobertas continuou. Fomos convidados a conhecer a casa de palha, uma verdadeira obra de arquitetura tradicional e etnomatemática viva. Não era uma simples cabana, mas uma estrutura complexa, feita com oito pilares robustos de madeira fincados na terra, formando uma base que lembrava um octógono retangular. Na parte superior, uma intrincada rede de galhos de árvores se entrelaçava, formando figuras triangulares perfeitas, tudo solidamente amarrado com cipó e corda. A cobertura, densa e eficiente, era feita com palha de coqueiros e folhas de buritis.

Os alunos observavam tudo com admiração visível. E a experiência se completou com o relato do Sabedor indígena, o mestre responsável pela construção. Ele compartilhou não apenas o processo físico de erguer a casa, mas a lógica por trás da escolha dos materiais, das formas, dos encaixes. Ficou claro que ali havia um conhecimento profundo de geometria, de proporção, de resistência dos materiais, um saber prático e sofisticado transmitido oralmente. A casa de palha não era só um abrigo; era a materialização da etnomatemática Puruborá, um espaço onde a matemática se fundia com a cultura, a necessidade e a beleza.

Na minha perspectiva como professor, o que vivenciei ali em poucas horas foi algo fantástico. Todo aquele etnoconhecimento, manifestado nas pinturas, no arco e flecha, na arquitetura da casa, revelava um sistema de saber incrivelmente rico e funcional. Fiquei tão curioso em aprender mais sobre suas histórias e, sim, sobre seus conhecimentos matemáticos implícitos, que a experiência não poderia terminar ali.

A inspiração me moveu a escrever um Projeto de Pesquisa com um objetivo claro: estudar a fundo esses saberes, dar-lhes reconhecimento, valorizar essa cultura tão rica e, ao fazer isso, enriquecer a própria área da Etnomatemática no ensino e na aprendizagem. Mas, mais do que isso, o principal propósito dessa jornada seria construir um material didático específico e diferenciado com o próprio povo Puruborá, uma ferramenta para

ajudar a gravar e registrar todo esse conhecimento que, até hoje, é passado de geração em geração de forma oral. Percebi a urgência e a importância disso ao entender que, na cultura Puruborá, não existem bibliotecas de papel. Se um jovem quer aprender um saber ancestral, ele precisa consultar seu Sabedor indígena, seus anciãos – as verdadeiras "bibliotecas vivas" do povo. Essa compreensão selou o anúncio da Etnomatemática para mim: não apenas como um campo de estudo acadêmico, mas como um compromisso com a preservação e a valorização de saberes fundamentais para a identidade e o futuro de um povo.

O evento se encerrava e, ao retornar para casa, minha cabeça fervilhava. A matemática, não vive apenas nos livros didáticos ou nas equações complexas que povoam o quadro-negro das salas de aula. Ela pulsa, viva e vibrante, nas formas tecidas na palha que cobrem uma casa que desafia o vento e a chuva, na precisão de um arco que encontra seu alvo na floresta, nos traços que contam histórias nos corpos e objetos de um povo. E, talvez, as bibliotecas mais preciosas e ricas em conhecimento não sejam feitas de papel e concreto, mas da memória e da voz dos Sabedores e Anciãos que, como os Puruborá me mostraram e continuam a me ensinar, guardam e transmitem saberes essenciais através das gerações. Diante de tanta sabedoria ancestral, manifestada de formas tão belas e funcionais nas práticas dos Puruborá, fico a pensar, com o coração inquieto de professor e pesquisador: quantos outros saberes etnomatemáticos, nas práticas dos Puruborá e de tantos outros povos originários, ainda esperam ser vistos, valorizados e reconhecidos por todos nós? E o que podemos fazer para que o etnoconhecimento das "bibliotecas vivas" não se perca com o tempo?

Etnomatemática Puruborá: Uma Jornada Pelos Saberes Ancestrais

Ethnomathematics Puruborá: a journey through ancestral knowledge

Etnomatemática Puruborá: un viaje por los saberes ancestrales

Resumo

Esta crônica relata a experiência de um professor ao visitar a Aldeia Aperoi do povo indígena Puruborá com seus alunos. O contato revelou a rica Etnomatemática Puruborá, visível nas pinturas corporais, artesanatos e na arquitetura da casa de palha. Observações detalhadas da construção e da prática do arco e flecha evidenciaram conhecimentos matemáticos e físicos ancestrais. A interação com os Sabedores e os Anciãos revelou que este etnoconhecimento é transmitido oralmente, caracterizando as "bibliotecas vivas" do povo. A experiência inspirou um projeto de pesquisa para valorizar e registrar esses saberes, demonstrando como a Etnomatemática se anuncia nas práticas culturais.

Palavras-chave: Etnomatemática. Povo Puruborá. Saberes Ancestrais. Educação Matemática. Cultura Indígena.

Abstract

This chronicle narrates a professor's experience visiting the Aldeia Aperoi of the Puruborá indigenous people with their students. The contact revealed the rich Puruborá Ethnomathematics, visible in body paintings, handicrafts, and the architecture of the straw house. Detailed observations of the construction and the practice of the bow and arrow evidenced ancestral mathematical and physical knowledge. Interaction with the Sabedores and the Elders revealed that this ethno-knowledge is transmitted orally, characterizing the people's "living libraries." The experience inspired a research project to value and register these knowledges, demonstrating how Ethnomathematics announces itself in cultural practices.

Keywords: Ethnomathematics. Puruborá People. Ancestral Knowledge. Mathematics Education. Indigenous Culture.

Resumen

Esta crónica relata la experiencia de un profesor al visitar la Aldeia Aperoi del pueblo indígena Puruborá con sus alumnos. El contacto reveló la rica Etnomatemática Puruborá, visible en las pinturas corporales, artesanías y la arquitectura de la casa de paja. Observaciones detalladas de la construcción y la práctica del arco y flecha evidenciaron conocimientos matemáticos y físicos ancestrales. La interacción con los Sabedores y los Ancianos reveló que este etnoconocimiento es transmitido oralmente, caracterizando las "bibliotecas vivas" del pueblo. La experiencia inspiró un proyecto de investigación para valorar y registrar estos saberes, demostrando cómo la Etnomatemática se anuncia en las prácticas culturales.

Palabras clave: Etnomatemática. Pueblo Puruborá. Saberes Ancestrales. Educación Matemática. Cultura Indígena.